

Paulo Luís Almeida

nasceu em Moçambique. Formou-se em Artes Plásticas – Pintura, FBAUP e doutorou-se pela *Universidad del País Vasco*. É Professor na FBAUP e investigador no Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade.

Há alguns anos começou a realizar pequenas intervenções anónimas, que se confundiam com gestos quotidianos. Estas intervenções não saiam do espaço doméstico da casa e da rua onde vivia, nunca eram anunciadas e raramente documentadas. Percebeu depois que também podia fazer desenhos e pinturas para evitar a exposição pública das intervenções e contornar a impossibilidade da sua realização; que desenhar podia ser uma forma estimulante de pensar, realizar e documentar.

Esta relação entre contextos performativos e objetos pictóricos passou a contaminar o seu trabalho, um ensaio contínuo em torno de micronarrativas do quotidiano (a grande parte sem outra pretensão que não a de inventar fábulas para a vida de todos os dias). O trabalho, que se desdobra em desenho, pintura e performance, resulta de noções muito simples: a noção narrativa de prova; o deslocamento de gestos quotidianos; a transferência de ações entre contextos performativos e sociais.

1 *E havia ali...*, 2019
Intervenção anónima com escadote e folhas de palmeira cobertas com grafite; vento e mar. Impressão a laser sobre papel fotográfico. 50 x 70 cm.

2 *Lotófagos* (Desenho 1 de 10), 2018
Aparo e tinta-da-china sobre papel Arches France. 76,5 x 56,5 cm

3 *Flag Semaphor A_1*, 2018
Intervenção anónima com mastros de madeira. Cardal do Douro, Mogadouro, Agosto 2018. Impressão a laser sobre papel fotográfico, 21 x 30 cm.

4 *Ogígia*, 2019
Pedra negra e aguarela sobre papel de algodão, 30 x 32 cm



Direção
Miguel Bandeira Duarte
Gestão de Coleções
Maria Helena Trindade
Serviço Educativo
Paula Góis Simões
Secretariado
Maria Emilia Ferreira
Comunicação
Maria Alice Soares
Montagem
António Ferreira
Equipa Técnica
Maria Isabel Garcia
Carlos Pires
Manuel Moreira
José Castro
Maria Fátima Santos
Norberto Quintino

Edição
Museu Nogueira da Silva
Impressão
Gráfica Vilaverdense
Artes Gráficas, Lda.

MNS
Unidade Cultural
da Universidade do Minho
Av. Central 61
4710-228 Braga
www.mns.uminho.pt

Informações
sec@mns.uminho.pt
253 601 275

PAULO LUÍS ALMEIDA

Insula Perdita - Desenhos



Inaugura no dia 11 de maio de 2019,
pelas 16:30 horas.

De 11 de maio a 6 de julho de 2019



Depoimento

Insula Perdita é uma exposição de desenhos que representam ilhas, palmeiras em fim de vida e notas de intervenções anónimas. A exposição teve a sua origem no cruzamento de duas histórias: a primeira tem o seu centro na renúncia da ilha de Melville em 2003 pelo Governo Australiano de então e acompanha, a partir daí, as representações das ilhas que foram abandonadas ou proscritas; a outra história segue o esforço para evitar o fim anunciado de uma espécie particular de palmeira na cidade do Porto. Há um tempo presente em que as duas histórias coincidem, mas sobretudo a percepção de um desaparecimento que se revela quando as histórias se tocam.

Na renúncia às ilhas — lugares isolados por definição — cumpre-se a condição que a palavra ilha encerra: as ilhas foram deixando de ser os lugares de desejo que buscávamos para se tornarem nos espaços que a imaginação renega e isola. Há muito que os principais lugares imaginários deixaram de ser ilhas. Existem com certeza razões para procurarmos a origem das ilhas imaginárias na geografia política do mundo, como se estes lugares imaginários não fossem, por si, suficientes. Há um lugar real onde Ítaca e Ogígia se projectam nos mapas. Deixe de fora o nome real das ilhas desenhadas. Sem o nome, e representadas pelo desenho do seu perfil como era comum nos livros de navegação do século XVIII, as ilhas confundem-se entre si. Quis ensaiar o movimento inverso com estas ilhas reais, procurando-as agora nas listas de lugares imaginários.

Também as palmeiras foram os emblemas com os quais se ensaiou o paraíso prometido. Por isso estão tão próximas do significado das ilhas. São hoje, nos espaços a norte que vieram ocupar, o lugar das contradições que a sua vulnerabilidade e o fim do seu ciclo de vida faz surgir. Comecei a desenhá-las à medida que desapareciam à minha volta, uma a seguir à outra, sem ordem nem programa. No fim, era como se nada tivesse existido na paisagem.

Em ambas as histórias queria desenhar para me ligar a um tempo presente, para testemunhar que estas imagens foram realmente vistas e interrogadas; para criar um rumor à sua volta. Havia um impulso documental nestes desenhos: a mesma necessidade de fixar as coisas e passar tempo com elas que é próprio do gesto que desenha. O que me interessa das imagens documentais é a sua ligação com a História da existência mais comum. A História, recordava Benjamin, decompõe-se em imagens, não em narrativas. Por isso os documentários são modalidades da ficção. Constituem-se como ligação entre as imagens, testemunhos e vestígios de ações. São arranjos de ações. Mas nem tudo pode ser descrito, e esse é o problema das imagens documentais. Há uma resistência do real que excede a capacidade de representação.

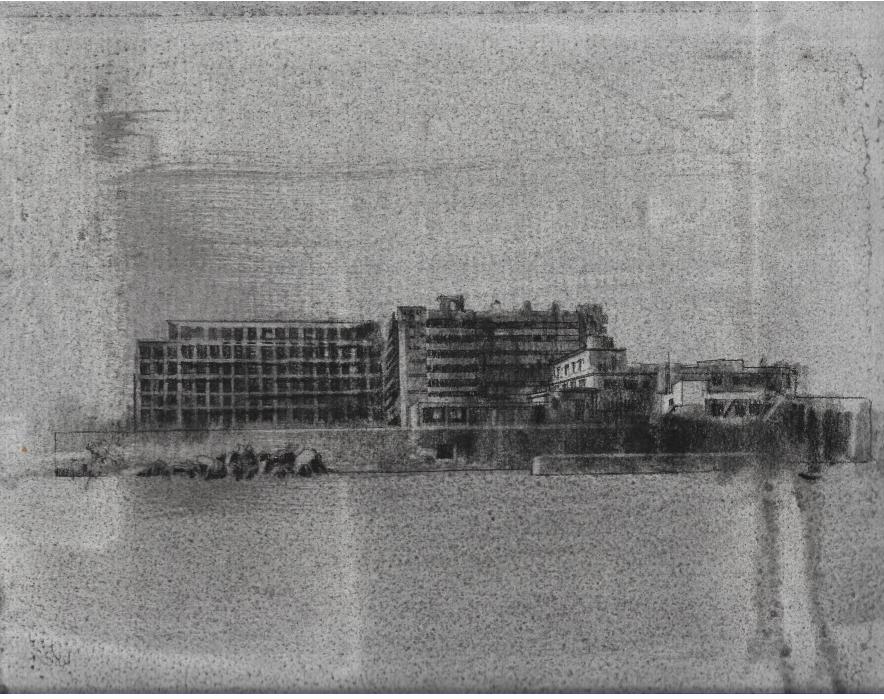
Porque o gesto de quem desenha nunca é neutro, desenhar é um exercício de análise que revela padrões e procura os pontos comuns que aproximam as imagens, revelando o que nelas é periférico e entrevisto. Mas o desenho é também o meio em que estas histórias podem ser compreendidas como reencenação, deslocadas no tempo e enxertadas num novo espaço virtual de realização.



1



2



3



4